

Mergulhos

Sil Trevin

Todos entravam na água. Exceto o menino. Ele não sabia nadar e nunca quis aprender, não depois daquela tarde mística, marcada pelo calor de pedras faiscantes à beira da piscina. Adultos, jovens, crianças. Famílias inteiras mergulhavam um a um, seguindo a sagrada ordem estipulada por Andrei, o eloquente orador com voz de querubim.

No meio de tanto louvor e de tanto sol, de tantos crentes molhados e de tantos crentes secos — lá estava ele, o menino, junto ao resto da multidão, porém afastado do Senhor. Não tem Deus no coração? Ateu! Deus está vendo tudo, moleque. Tachado como a ovelha negra da família, era um peixe fora d'água entre fiéis enlouquecidos. Ainda assim, estava em paz com seu espírito solitário. Aos treze anos, já meditava. Sentado sob a sombra morna de um jatobá, num cantinho afastado em seu próprio jardim, o menino assistia ao espetáculo patrocinado por um ente sobrenatural, muito misterioso e incrivelmente célebre, de quem só ouvira falar em gestos convictos e sermões pios de terceiros.

Sua mãe gostava de invocar o nome divino nos momentos de culpa — e também quando viajava de econômica. Clamava pela bênção do perdão e por mais milhas. Já o pai ilustrava o plano de Deus para o filho citando os milagres dos bem-aventurados. Tinha convicção de que o primogênito seria um empresário de sucesso. A caçula, doutrinada desde os balanços do berço, esperava ansiosa pela volta do profeta. No seio familiar, o menino era o espírito da negação e do conflito. Encontrava-se entre um ser que não conhecia e outro que o espreitava e invadia seu corpo diariamente. O menino já não era tão menino, e o seu corpo já exalava o perfume do desejo.

Ao longo do dia, pastoreados por Andrei, o rebanho orava em coro. Em busca da salvação, levantavam o coração com as mãos, compartilhavam seus pecados e arrependimentos enquanto entoavam louvores, comiam, bebiam, e mergulhavam naquela imensidão de terra que Deus concedia a Glorinha e Edu, o vereador da província. Edu era conhecido como Edu Faz Milagre. Um homenzinho com sorriso de fariseu, sempre pronto a dar palpites sobre tudo e todos. Glória não era vereadora, mas reinava no ginásio do bairro. Impossível perdê-la de vista com aquele shortinho verde-limão que usava nos treinos.

Uma feminista — ou melhor, pró-feminilidade. Não gostava do termo. Glorinha comandava o ministério de mulheres e, ao lado do marido, fazia parte da estrutura eclesiástica, que ainda contava com Paulo, Marisa, Eliane e César. Os seis enviados já manejavam um PIB do tamanho do pior dos pecados.

Abençoados pela generosidade, os guardiões do Jardim Divino abriam os portões do paraíso de cinco alqueires para viajantes devotos que em busca de sossego, saúde e (mais) prosperidade, chegavam com seus carros importados. Edu e Glorinha recebiam cada alma com corações e bolsos abertos. Nos dedos, além da aliança de ouro branco gravada com palavras sagradas, o casal distribuía um pequeno mapa com as atrações da chácara. Onze chalés com suíte, cinco alojamentos, três campos de futebol, duas quadras de tênis, salão de jogos, churrasqueiras duplas, sauna, academia, refeitório, um lago natural com canoas e um oceano modelado em piscina. Pôsteres com o cronograma das atividades, espaçados ao redor dos terraços, dividiam a paisagem com alongadas palmeiras e arbustos esculpido adornavam o relevo do jardim babilônico.

O evento principal era o domingo de batismo, mas as atrações (que já iniciavam na sexta-feira) também eram transmitidas online para os adoradores ausentes. A programação ainda contava com o workshop *Finanças em Deus*, a palestra *Apocalypse Now!*, o famoso *Bazar da Fé*, a disputada *Caminhada com Jesus*, e a sessão catártica de confissões e testemunhos: *Deus-Abafa*. Entre os jovens, nada superava a euforia da celebração com a banda *Electro Heaven*. O menino desde cedo possuía um ouvido aguçado, mas detestava a banda. Infantil, brega. Músicos ruim. Consciente da situação em que o alistaram, do esvaziamento de si mesmo, e da pecaminosidade do contato social iminente, o menino escolheu a sombra de uma árvore e um espaço para reflexão. Queria amar Maria.

Enquanto a sua família decidia selar o compromisso com a fé nesse grande encontro a favor do profeta, o garoto vivia seus primeiros anos de rebeldia. A última coisa que desejava era selar algum compromisso com alguém. Exceto com Maria, filha de uma amiga de sua mãe. Para o menino, Maria pertencia à uma beleza sobre-humana, do tipo angelical. Mas ao mesmo tempo ostensiva, carnal e delicadamente feminina. Não sabia ao certo o porquê. Os traços parecidos com o de sua mãe. Talvez. Os cachos negros, os olhos límpidos, a

pele alva que revelava um corpo que tinha luz e gostosura. Maria era tão bela que o coração incendiado do pobre garoto já estava cansado das pancadas fora do ritmo.

Maria era um ano mais velha, diferença suficiente para poder coroá-la com a indiferença. Era fria e cheia de desprezo com o menino. Ele é muito criança. Dizia às amigas no colégio. Frequentavam o mesmo ensino secundário e a mesma igreja, mas fingiam não se conhecer. Ele, por timidez. Ela, por capricho. Chegaram a trocar olhares enquanto suas mães conversavam no estacionamento da escola. Ocorria poucas vezes ao longo do ano letivo. Tempo o suficiente para o menino ter sido capturado por uma atmosfera de sensualidade única, urgente, que envolvia não apenas os seus sentidos, mas todo o seu ser.

Maria corria ao redor da piscina, brincava com jovens vindos da congregação matriz, recém-chegados da capital. Os seios, já formados, saltavam do biquíni, e o menino fixava o olhar naquele corpo diáfano, sobretudo nos cachos negros que ora revelavam, ora ocultavam o rosto imaculado da mocinha. Imaginava lençóis, seios desnudos, arranhões e a coxa alva de Maria roçando levemente na sua. Sob a sombra fresca, coisas assim ele pensava naquela tarde infernal, até a chegada do momento que mais temia. Era a hora de sua família entrar na piscina e mergulhar no desconhecido. Naquele instante, o corpo do garoto foi açoitado por um chamado interno e, como um leão adulto, precisava rugir cada vez mais alto para ser ouvido. Em segredo e conluio com o a mudez do jatobá, decidiu conversar consigo mesmo ou com quem mais pudesse escutá-lo. Já havia feito isso outras vezes, mas nunca com tanta urgência.

A mãe do menino foi a primeira à entrar na piscina. Com o rosto lavado em lágrimas, abraçava Andrei pela última vez. Quase um ano depois, afastava-se da congregação — ou melhor, fora afastada. Não era mais bem-vinda, tampouco bem vista. Empobreceu. Perdera a riqueza, as roupas de marca, e as milhas acumuladas. O aparelho eclesiástico dos executivos de Deus vetou seu acesso ao paraíso quando deixou de colaborar mensalmente. A mãe fugiu com o troco que lhe restava e um corpo vinte anos mais jovem. Assediou um mocinho, Zenão. Diziam os boatos. A última informação é que viviam em alguma eco-comunidade auto-sustentável pra lá da divisa da Mata Atlântica com o Cerrado.

Depois foi a vez do pai. Odiava água gelada. Lutava para esconder o desconforto, assim como apanhava para esconder os vícios. Rangeu os dentes e esboçou um sorriso. O pai era gordo, quase calvo, mas a cabeça pelada fluía com naturalidade e satisfação sob a superfície da água. Que mergulho. Andrei estufava o peito rijo e tocava o céu. Mais um na conta do senhor. Suspirava aliviado. Depois do abandono da esposa, o pai do menino caiu junto com a tristeza num buraco de solidão. Num corpo quase idoso e uma mente quase sã, o espírito enlutou-se. As flores não brotavam no quintal, as árvores não davam mais frutos, o vinho azedava no copo, a ferrugem corrompia o ferro do sangue e o céu escurecia. O pai endividava com a noite e criava inimigos. Rastreado, não demorou. Caminhantes acharam seu corpo dentro de um saco na margem de um riacho, perto da represa da cidade vizinha.

O último membro da família que bebeu da mesma água foi a caçula. Parecida com o pai, quase gorda, quase calva, meio estabanada, emergia da água com os olhos ardentes de fé e o rosto assombrado. Suspirava junto com o soluço ao lado de Andrei, o torturador do bem. A irmã do menino seguiu os passos da mãe, do pai e de uma sina mordaz. Carregava a cruz sozinha e, ao completar três anos de juramento na crença, sofreu um derrame. Não tinha mais cabelos, nem o movimento do corpo — síndrome do encarceramento. Falava consigo mesma e com os olhos. Uma piscada sim, duas piscadas não.

Vuvuzelas em fúria e a torcida de Deus às margens da piscina. Os três — mãe, pai e filha — choravam em êxtase. Abraçavam Andrei na água profana até que um riff de guitarra irrompeu o festejo. No palco montado do outro lado, surgia a aparição triunfal de *Electro Heaven*. Era como um divino relâmpago que trazia consigo mais um milagre. Inefável experiência. O menino, na sua descrença, soprava os lábios secos numa prece inquieta. Acabara de testemunhar a fé da família e o pacto que selavam com o infortúnio. Mas a vida lhe apontava outros sinais. O primeiro, veio do céu.

Logo após o batismo, um toró dos diabos despencava sobre os crentes. Uma massa de chuva, capaz de engolir vales inteiros, estalava o metal dos carros importados. As nuvens ressoavam deuses desconhecidos enquanto as orações em coro emudeciam e a pirotecnia se apagava. Enfim, a voz do silêncio fruía pela chácara.

Alijado do tempo, o menino terminou o balbúcio e fechou os olhos. Respirou fundo. O final trágico e desconhecido da sua família criava espaço

para um começo feliz. Uma força o ajudava a ultrapassar os limites para uma nova região da experiência. Esboçava um sorriso pela primeira vez e dava o primeiro passo na direção do inexplorado. Pouco a pouco, o garoto pensava na sua imagem ao lado de Maria, pensava nos dois corpos ingovernáveis, e descobria que o amor é calmo como um mergulho.